

Sertania

AMÉRICO VENÂNCIO

Não sei se me faço entender, seu moço, mas não vejo razão para que deva tardar ainda mais minha jornada. Eu não tinha olhos para ver o que se passava, nem fora nem dentro da alma. Acedia a tudo, ababosado que sou. Mas tudo tem sua hora. Pegou a trouxa e saiu. Ia com o desejo de não ser mais o mesmo, de não voltar a ver o dia nascer parecido com tudo que o corpo cansara.

A estrada mergulhada na escuridão do sertão. O céu outava a pretidão com uma arupemba de estrelas. Às vezes, o chirriar de uma coruja ou o adejar de algum morcego. À parte isso, o silêncio oco da imensidão. Os passos, acirrados pela fome, enfrentavam o chão vermelho, que só a memória podia-lhe refletir nos olhos a exatidão da cor, que mais era o sangue vertido em suor pelo sertanejo.

Pela manhã, um pouco zopo pelo sono, avistou um rancho humilde, não muito longe da estrada. A casa, de paredes tristes, de taipas mostrando o que não se vê por dentro. E nada além da idéia daquela casa era ali vida. Armou a rede no alpendre e fez com que o corpo restasse àquela sombra morna. O mosquedo não se demorou a aparecer. A terra árida dava vida àqueles bichos peçonhentos que, embora não matem de imediato, deixam chagas nos animais e angústia nos homens.

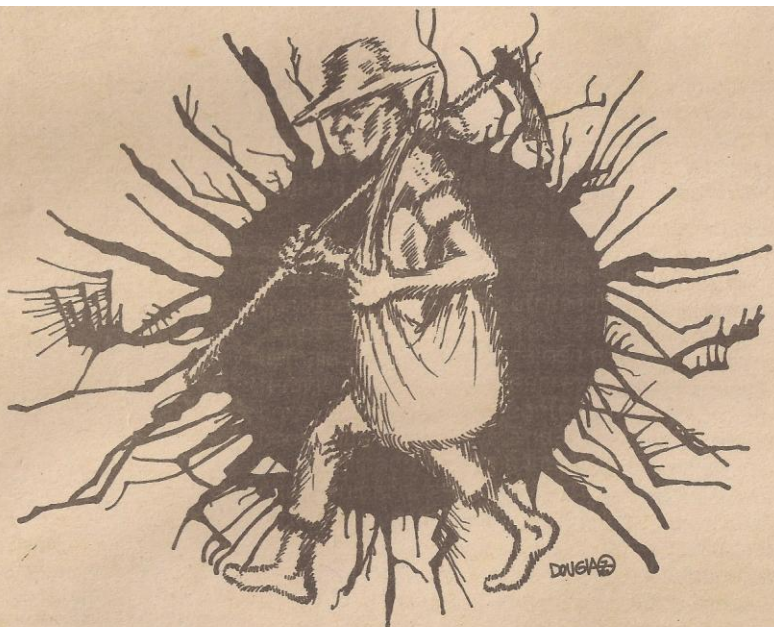
A jacobina sem trato nenhum. O mato tomava conta em toda a extensão. Como um acinte, um olho-d'água brotava atrás da mansarda. Parecia uma ferida que a terra ainda não conseguira cicatrizar.

Tudo em volta lhe dizia o abandono de muito tempo. Ao fundo, num celeiro, uma parga de milho apodrecia. Pegou uma gazua e arrombou a porta da frente.

Nunca soube o que houvera. Deixou-se ficar naquela terra, isolado do mundo, conquanto fosse o mundo naquelas paragens apenas seu pensamento. Não enfrentou a estrada para saber se havia gente adiante; não lhe interessava. Os únicos homens que via eram fantasmas à distância a caminhar pela mesma estrada que um dia o levava àquele lugar. Homens sem alma, que assim como as borboletas, preferiam morrer voando.

A fome era uma sombra naquele sol de Inverno, que já despontava do outro lado da serra para que se soubesse que existe um ciclo maior do que a noite e o dia. Mas era o que devia ser. Há quem nasça em outras circunstâncias e inveje o sol, até a noite.

Era sertanejo. O pouco que carregara consigo bastou-lhe até que arasse a terra e colhesse alguns milagres. A enxada, inorgânica, batia o chão e dava às suas forças extremidades de ferro.



Trabalhava o dia todo. Precisava vencer a rebeldia do chão. Lidimo possessor do mistério da fecundação. Mas naquela região era obra do demo. A água não parecia saciá-lo, as ervas daninhas resistiam à enxada e aos calos das mãos.

À noite, acendia o braseiro e torrava alguma comida. O pensamento daquele homem era um universo aprisionado. Que idéias poderiam jorrar caso se abrissem em palavra? O amor devia ser uma nódoa a tingir a memória e a castigar os fluxos do corpo.

Sentava à varanda, estirava as pernas e dormia ali mesmo caso lhe desse vontade. O orvalho frio do sertão era um leite especial de madrugada.

Quando chegou a época das chuvas, já havia preparado a terra para o plantio. Sementes ruins eram as que tinha. Restos deixados para trás haviam de ser o fruto novo.

Dessa vez, colheu mais do que precisava para seu sustento. Decidiu enfrentar a estrada. Agora, era necessário vender o que sobrou da colheita. Não se pode admitir que se perca comida numa região tão sofrida e faminta.

Esperou a lua. Seguiu sua luz por algumas noites, até que encontrou uma pequena vila, no meio do nada. — Tenho algo comigo para vender ou trocar. Disse ao primeiro homem que avistou naquele lugar. Parecia ter pressa e nenhum desejo de permanecer ali por muito tempo. — De onde vem, bom homem? — Venho de longe e preciso voltar ainda hoje para a estrada. — Que traz? — Pode ver você mesmo. Interessa? — Tenho uma portinha ali adiante, venha.

Fizeram negócio. Há quanto tempo não pitava um cigarro de bom fumo!

Já na estrada, lembrava do calor daquela mulher que tão rapidamente lhe acolheu no corpo, por alguns trocados. E a lembrança passou, assim como a vergonha não deixa vestígios na carne.

No retorno, sentia-se diferente. Como se suas pegadas não fossem só suas. Até o silêncio da estrada era diferente.

Pouco tempo se passou. A solidão era algo eterno na alma. E a terra brotava. Quando acordou, naquele dia de descanso, ouviu o trotar de uma cavalgada, abaixo, na estrada.

Dirigia-se àquele rancho. Trafegava o café, tentando esfriá-lo. — Xeretas! Exclamou baixinho.

À frente dele, um cavaleiro lhe tirou o chapéu. — Vê isso? Mostrou-lhe de longe alguns papéis. Uma lágrima rolou no seu rosto.

— Mais uma vez, seu moço, dei a minha vida à terra. E mais uma vez dizem-se dono dela. Mas a alma é grande e a estrada é curta. Um dia meu próprio corpo há de semear a terra, e não há de brotar nada além de minha liberdade. Seguiu pela estrada, sob o sol quente do sertão.